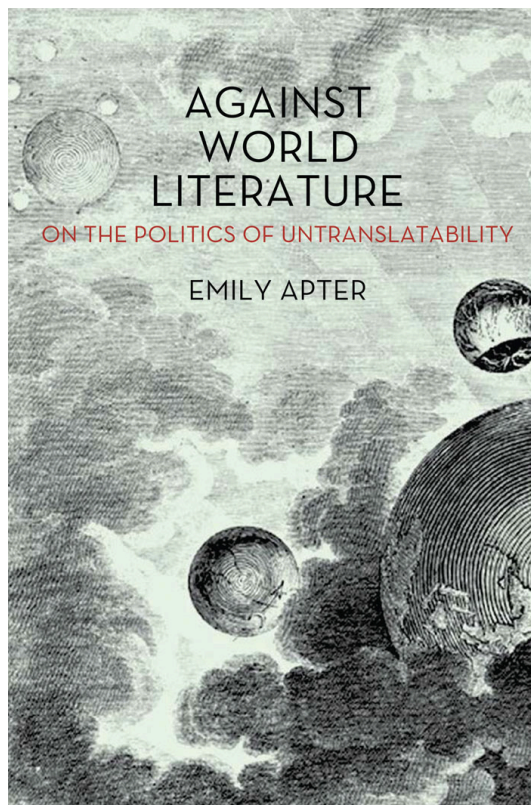


BOOK REVIEW

Against World Literature *Emily Apter*

Verena Lindemann

Catholic University of
Portugal



Against World Literature. On the Politics of Untranslatability. Emily Apter. London and New York: Verso Books, 2013.

Como Emily Apter sublinha no prefácio do livro, *Against World Literature: On the Politics of Untranslatability* tem como objetivo adotar o conceito de intraduzibilidade como fulcro teórico da literatura comparada, explorando, por isso, as consequências que o seu reconhecimento tem no âmbito dos estudos de literatura e da filosofia. O ponto de partida da reflexão de Apter é a tradução de *Vocabulaire Européen des Philosophies: Dictionnaire des Intraduisibles* de Barbara Cassin, tarefa pela qual a autora foi corresponsável. O livro tem início com um capítulo inspirado nos problemas que este projeto de passagem do vocabulário de francês para inglês enfrentou. Como resultado, a autora debruça-se inicialmente sobre as questões de como traduzir o intraduzível e de como filosofar em diferentes línguas. O que a abordagem da obra de Cassin salienta é a instabilidade de conceitos filosóficos, as transformações que estes sofrem ao passar de uma língua para outra.

A primeira parte de *Against World Literature* não se limita, contudo, a Cassin, discutindo também a ideia de “oneworldliness” a partir de diferentes perspectivas. Depois da cartografia das diferenças nacionais proposta por *Vocabulaire Européen des Philosophies*, a autora aborda os “literary world systems” do historiador literário Franco Moretti e problematiza o facto de a crítica e história literárias terem sido cunhadas por modelos ocidentais. Além de criticar a ideia de uma universalidade que apenas dissimula a sua pertença a um determinado contexto cultural, Apter constata a existência de uma monocultura literária que, ao ser propagada pelo mundo, tende a ignorar e absorver diferenças entre diferentes culturas, línguas e tradições literárias. Como a autora destaca, paradigmas importantes nas humanidades em termos comparativos (epopeia, tragédia, realismo, modernismo, pós-modernismo) adquirem peso hegemónico através da sua tradução internacional e, mesmo quando são críticos em relação ao que representam, acabam por incorporar imaginários nacionais que, em última análise, se impõem ao mundo.

No final da primeira parte do livro, Apter propõe uma abordagem da literatura comparada que assenta na consciência das fronteiras e das diferenças. Criticando a metáfora de “border-crossing” nos estudos de tradução, a autora sugere a imagem do “checkpoint” para chamar a atenção para a “lógica da não-tradução e intraduzibilidade”. Recorre então ao conceito de “translation zone” que deu título à sua obra anterior: “[W]e see the translation zone defined not as a porous boundary facilitating supranational comity and regimes of general equivalence but as a threshold of untranslatability and political blockade” (Apter, 2013: 114). Ao reintroduzir a imagem do “checkpoint”, Apter pretende mostrar a persistência da

função do Estado na área das políticas linguísticas: “[N]ation-states are trumped by liquid capital and the global dissemination of non-aligned standing armies, but checkpoints, whether mobile bodies or stationary landmarks, produce a logic of anti-sovereign occupation contoured by walls of non-transitivity and untranslatability” (Apter, 2013: 114).

Este livro torna evidente o percurso intelectual da autora; já em *The Translation Zone* não propunha apenas uma literatura comparada com ênfase na tradução mas também uma reorientação dos estudos de tradução, abandonando problemas de fidelidade linguística ou textual ao original. Aparece aqui desde logo a ideia de “mistranslations”, embora não assuma ainda a mesma importância. Enquanto *The Translation Zone* surgiu assumidamente num ambiente pós 11 de Setembro em que, segundo a autora, “translation became a hot issue” (Apter, 2005: 12), *Against World Literature* parece estar relacionado com a crise económica e resultar de uma cristalização do pensamento sobre tradução que não se concentra em “traduções incorretas” em contextos de guerra, políticas linguísticas e experiências com linguagem não estandardizada, mas na ativação daquilo que se perde na tradução. Todavia, apesar das reflexões teóricas muito interessantes e, a meu ver, muito relevantes, os conceitos-chave (“translation”, “mistranslation”, “untranslatable” etc.) permanecem vagos. Embora Apter não entenda tradução apenas como a passagem de um texto de uma língua para outra, a autora não avança com uma definição ou problematização do fenómeno. O mesmo se verifica com a própria noção de intraduzibilidade. O leitor procura em vão uma definição precisa, mas encontra apenas diferentes abordagens e caracterizações. Entre outros, Apter recorre a Peter Osborne, que entende o intraduzível como diferenças conceptuais inerentes às diferentes línguas, não de forma pura, mas através das histórias da tradução que deram origem às filosofias europeias (2005: 32), para logo a seguir referir a definição de Cassin de uma cartografia de diferenças filosóficas. Ainda na mesma página, Apter afirma que “[t]he Untranslatable yields a revisionist history of ideas that gives full weight to mistranslation” (Apter, 2013: 32). Contudo, nem mesmo a noção de tradução incorreta (“mistranslation”) é tida como um conceito pacífico nos estudos de tradução, pelo que, ao usá-la sem devida problematização, a autora corre o risco de imprecisão. Onde são afinal as fronteiras da tradução e da intraduzibilidade?

Na segunda parte de *Against World Literature*, a autora procede a uma análise de palavras-chave, inspirada em *Vocabulaire Européen* de Cassin, mas também na obra *Keywords: A Vocabulary of Culture and Society* de Raymond Williams. Caso restassem dúvidas, torna-se aqui evidente que os intraduzíveis não existem apenas entre línguas e culturas diferentes. Apter interpreta o artigo sobre a palavra “culture”

em *Keywords* de Williams como manifestação da sua intraduzibilidade dentro do inglês, uma vez que se refere, por um lado, a uma categoria antropológica e, por outro, à produção intelectual e artística. Todavia, na segunda parte a autora também não proporciona uma definição própria de intraduzibilidade, mas aprofunda a questão recorrendo a outro autor, nomeadamente a Diderot:

Diderot's exemplary Untranslatable is an ordinary speech-act or term of common usage whose signification is supposedly unambiguous but which is anything but. In such cases, the gap between the word for a thing and the qualia referentially associated with it is greatest with respect to words whose meaning we think we know. The Untranslatable comes into focus as that x-factor that disqualifies presumptive knowability in matters of linguistic definition (Apter, 2013: 121).

Em vez de uma problematização meramente teórica, a autora escolhe cinco palavras-chave para, como o título indica, “[do] things with untranslatables”. De “Cyclopaedia”, Apter passa por “Peace”, “Fado” e “Saudade”, “Sex” e “Gender” a “Monde”, abordando temas tão diversos como as várias possibilidades de traduzir “*ewig*” em *Zum ewigen Frieden* [a Paz Perpétua] de Kant, as palavras “fado” e “saudade” na literatura e cultura portuguesas como exemplos “[of] the double function of mythmaking and critical distancing that distinguishes the Untranslatable’s abilities” (*ibid.*: 138), a tradução da obra de Simone de Beauvoir para inglês ou a diferença entre *Littérature-monde en français* e *littérature-mondiale*.

De seguida, Apter procede a uma reflexão sobre a tradução no âmbito da literatura mundial. Começando pela “teologia do mundo” de Erich Auerbach e passando pelo “humanismo” de Edward Said e pelas “teologias da tradução” de Jacques Derrida, Apter chega a questões da prática da tradução:

[W]hat does it mean to think of translation as a kind of philosophy, or as a way of doing theory and its history? Such questions prompt reflection on the full impact of translation on the making of cross-continental philosophy and theory. The intra-European and trans-Atlantic transfer of texts while often acknowledged has yet to be accounted for as part of theory’s archival remit (Apter, 2013: 247 s.).

Nesta terceira parte, *Against Word Literature* presta um contributo importante para o estudo da relação entre a circulação de textos, a periodização e o desenvolvimento de escolas teóricas. Apter identifica tradução como motor de

produção intelectual, defendendo que os textos escolhidos para tradução determinam “the course of theory” (Apter, 2013: 249). Contudo, a autora recorre, no meu entender, mais uma vez de modo descuidado, aos conceitos de “leituras incorretas” e “recontextualizações criativas”. De facto, é impossível não constatar a ausência de teorias centrais que surgiram nos estudos de tradução ao longo das últimas décadas, algo que Anthony Pym (2007) contestou também na sua revisão de *The Translation Zone*. Se Apter fala de “misreadings” e “mistranslations”, surpreende que não mencione abordagens que discutam a necessidade interpretativa de qualquer tradução. A predominância negativa do prefixo “mis” parece associar as traduções apenas a perdas, a um desvio da origem, e não a um processo criativo de produção de significado. Esta associação negativa parece, no entanto, não corresponder ao projeto da autora quando esta defende que o estudo da história da tradução dentro da história da filosofia não representa apenas um exercício filológico ou intelectual, mas um exercício de filosofia. Nesta perspectiva, tradução torna-se um método de fazer filosofia, “a theology of translation; a ‘saving difference’ (...), which is a difference believed in because it saves or preserves the Untranslatable” (Apter, 2013: 252). Infelizmente, estas reflexões sobre tradução enquanto forma de “doing philosophy” parecem sofrer de alguma imprecisão na definição da palavra “tradução”. Enquanto Apter, por um lado, utiliza a palavra meramente para designar a passagem de uma língua para outra, utiliza-a, por outro, como sinónimo de equivalência ou transparência, como se traduzir significasse reescrever um texto idêntico noutra língua. Porém, esta equiparação de tradução a equivalência – a sua oposição ao “untranslatable”, isto é, a inexistência de uma correspondência absoluta – é muito problemática, sobretudo no contexto de um autor como Derrida.

Em “Who Owns my Translation”, a última parte do livro, a autora aborda finalmente temáticas relacionadas com questões de propriedade literária e economia. As considerações inteligentes sobre autoria e originalidade, entre outras, baseiam-se em exemplos como a tradução de *Madame Bovary* para inglês por Eleanor Marx – a filha mais nova de Karl Marx – e a sua retradução por Paul de Man. Apter aproxima “translation theory (...) (and) the French field of manuscript scholarship known as la *critique génétique* in which the final published version is effectively unspooled in an archival field of drafts and sketches” (Apter, 2013: 292). Nesta perspectiva, não se entende o texto como um objeto estável de um autor singular, mas antes como um produto de processos de tradução e edição. Recorrendo a Walter Benjamin e Antoine Berman, a autora sugere uma definição da “tarefa do tradutor” que implica “working on solutions to linguistic Untranslatables, while mining the text’s fluctuating mobile status as material and editorial object” (Apter, 2013: 296). Com base nesta reflexão,

Apter explora tradução como forma de duvidar da propriedade literária, tornando evidente que, em última análise, “nobody (...) could fully own (...) a text” (Apter, 2013: 309). Por fim, defende que “we should do more to frame world literatures as a parlous collection of national canons each dedicated to ‘possessive collectivism’” (Apter, 2013:320), em que os leitores se tornam “co-workers in acts of world-making” (Apter, 2013: 334).

Em conclusão, *Against World Literature* é um contributo importante para o desenvolvimento de uma perspetiva mundial na literatura comparada que não impõe os valores hegemónicos da tradição ocidental ao mundo inteiro e que igualmente resiste à produção de meros estereótipos das diferentes literaturas mundiais. Sobretudo a integração de exemplos de literaturas e culturas “periféricas”, como é o caso do português, merece reconhecimento. A argumentação em favor de uma literatura comparada que abandona “oneworldliness” e a reflexão de propriedade intelectual e literária são inteligentes e persuasivas. Contudo, a variedade de temas e abordagens, embora muito enriquecedora, bem como a densidade textual, tornam a leitura exigente e, apesar de Apter apresentar o livro como um ensaio dividido em capítulos, nem sempre é fácil encontrar o fio condutor que integra as partes e subcapítulos num todo coerente.

Referências

- APTER, E (2013). *Against World Literature: On the Politics of Untranslatability*. London & New York: Verso.
- APTER, E (2006). *The Translation Zone: A New Comparative Literature*. Princeton: Princeton University Press.
- PYM, A (2007). Book Review: Emily Apter: *The Translation Zone: A New Comparative Literature*. *Target*, 19(1): 177-182.